

# A Preparação da Presença Eucarística no Antigo Testamento

## *Summary*

*In this article – The Preparation of the Eucharistic Presence of God in the Old Testament – the author treats of the different ways in which God is present in the Old Testament.*

*In the beginning, during the time of the Patriarchs, we can observe an intense presence of God with His chosen people, but we notice that it is always a passing presence. God appears and disappears. He speaks with a patriarch; He promises His help, His protection; He gives hope for the future, but then He returns to heaven.*

*The situation changes radically at the time of Moses. God desires His sanctuary among His people. Therefore He orders the construction of the Tent of Meeting and the Ark of the Covenant. This permanent presence finds its Old Testament realization in the construction of the Temple. The Temple is then the place where God is permanently dwelling among His people, where men can find Him and where He hears their prayers.*

*Jesus identifies His Body with the Temple (Jn 2,19: “Destroy this Temple, and in three days I will raise it up”). In Jesus we find the fullness of the presence of God among us. The continuation of His Incarnation is the Holy Eucharist. God truly lives among us with all His divine treasures.*

*Considering the pedagogic intention of God in the Old Testament (cf. DV 15) we can see the progress of the presence of God. He intentionally increases His presence among His people during the time of the Old Testament until it finds its full realization in the Holy Eucharist which is already the pledge of eternal life where we will see God face to face.*

\* \* \*

O ano eucarístico convida-nos a aprofundar o grande mistério da nossa fé: a comunhão de Deus com os homens. Este tema é o fio vermelho que penetra a Bíblia do início até ao fim. No paraíso encontramos Adão e Eva em perfeita comunhão com Deus. Depois de ter criado todas as criaturas e depois de ter colocado Adão e Eva no jardim do Éden, Deus andava no paraíso<sup>1</sup>. Esta vez, Adão e Eva se escondem, porque pecaram, mas isto nos faz pensar que, antes em outras ocasiões, eles não se esconderam diante de Deus. Viviam, portanto, em profunda comunhão com Ele.

O último livro da Bíblia termina com a mesma perspectiva: somos convidados para viver eternamente em comunhão com Deus: “Nela, [na Cidade Santa] não vi templo, porque o seu Templo é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro”<sup>2</sup>. Não tem mais necessidade de um lugar especial da presença de Deus, como foi o Templo no Antigo Testamento, porque Deus, afinal, é tudo em todos, como nos ensina São Paulo: “Quando, porém, todas as coisas Lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas Lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos”<sup>3</sup>.

Neste artigo queremos aprofundar este tema da comunhão de Deus com o Seu povo. Examinaremos a presença de Deus no Antigo Testamento. Isto nos ajudará a compreender melhor a presença eucarística de Jesus.

O Concílio Vaticano II confirmou o valor pedagógico do Antigo Testamento: “Estes livros, embora contenham também algumas coisas imperfeitas e transitórias manifestam, contudo, a verdadeira pedagogia divina”<sup>4</sup>. Encontramos nestes livros as experiências de Israel “dos caminhos de Deus para com os homens”<sup>5</sup>. O Antigo Testamento possui um “valor perene”<sup>6</sup>, porque prepara a vinda de Cristo, redentor de todos, e de Seu Reino messiânico, anuncia-a profeticamente e dá-la a conhecer através de várias figuras<sup>7</sup>.

---

<sup>1</sup> Gn 3,8.

<sup>2</sup> Ap 21,22.

<sup>3</sup> 1Cor 15,28.

<sup>4</sup> DV 15.

<sup>5</sup> DV 14.

<sup>6</sup> DV 14.

Deus, pois, inspirador e autor dos livros de ambos os Testamentos, de tal modo dispôs sabiamente, que o Novo estivesse latente no Antigo e o Antigo no Novo se aclarasse. Com efeito, embora Cristo tenha estabelecido uma Nova Aliança em seu sangue, contudo, os livros todos do Antigo Testamento, recebidos na pregação evangélica, obtêm e manifestam seu sentido completo no Novo Testamento, e por sua vez o iluminam e explicam<sup>8</sup>.

A Igreja, já nos tempos apostólicos<sup>9</sup>, e depois constantemente em sua Tradição, iluminou a unidade do plano divino nos dois Testamentos graças à *tipologia*. Esta discerne, nas obras de Deus contidas na Antiga Aliança, prefigurações daquilo que Deus realizou na plenitude dos tempos, na pessoa de seu Filho encarnado.

Por isso os cristãos lêem o Antigo Testamento à luz de Cristo morto e ressuscitado. Esta leitura tipológica manifesta o conteúdo inesgotável do Antigo Testamento. Ela não deve levar a esquecer que este conserva seu valor próprio de Revelação, que o próprio Nosso Senhor reafirmou<sup>10</sup>. De resto, também o Novo Testamento exige ser lido à luz do Antigo. A catequese cristã primitiva recorre constantemente a ele<sup>11</sup>. Segundo um adágio antigo, o Novo Testamento está escondido no Antigo, ao passo que o Antigo é desvendado no Novo: “*Novum in Vetere latet et in Novo Vetus patet*”<sup>12, 13</sup>.

É por isso que queremos aprofundar um pouco mais os diferentes modos da presença de Deus no Antigo Testamento, para que eles aclarem, iluminem e expliquem a sublime presença real de Cristo na Santíssima Eucaristia. Com a ajuda do Espírito Santo faremos a mesma experiência como os discípulos de Emaús, quando caminhavam com Jesus ressuscitado, que lhes explicava o sentido das Escrituras do Antigo Testamento: “não nos ardia o coração, quando Ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?”<sup>14</sup>. Vejamos, portanto, os diferentes modos da presença de Deus no Antigo Testamento.

<sup>7</sup> Cf. DV 15.

<sup>8</sup> DV 16.

<sup>9</sup> Cf. ICor 10,6-11; Hb 10,1; IPd 3,21.

<sup>10</sup> Cf. Mc 12,29-31.

<sup>11</sup> Cf. ICor 5,6-8; 10,1-11.

<sup>12</sup> Sto. AGOSTINHO, *Quaestiones in Heptateucum*, 2,73: PL 34,623; cf. DV 16.

<sup>13</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 128-129.

<sup>14</sup> Lc 24,32.

## I. A presença de Deus antes da construção do Templo

### 1. De Adão até Noé

Deus está presente na Sua criação porque Ele procura viver em comunhão com os homens. O fundamento da comunhão entre Deus e o homem encontramos no relato da criação<sup>15</sup>. O homem foi criado à *imagem* e *semelhança* de Deus. Por isso, o homem é capaz de conversar com Deus e Deus conversa com ele<sup>16</sup>. A relação de Deus para com a criação é algo impessoal. “E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves”<sup>17</sup>. Mas quando Ele abençoa os homens, Deus se dirige pessoalmente a Adão e Eva<sup>18</sup>: “E Deus os abençoou e **I h e s** disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra”<sup>19</sup>. Esta comunicabilidade entre Deus e os homens é a base de todos os tipos da presença de Deus no mundo.

Infelizmente foram poucos entre os patriarcas que procuraram viver na presença de Deus. A Bíblia dá somente acenos. Quando nasceu Enos<sup>20</sup> se começou de novo a invocar o nome do Senhor. A expressão hebraica *invocar o nome do Senhor* pressupõe uma grande proximidade entre Deus e aquele que invoca a Deus<sup>21</sup>. Alguns autores entendem esta expressão como celebrações litúrgicas invocando o nome de Deus<sup>22</sup>. O Catecismo da Igreja Católica vê neste versículo uma forma de oração<sup>23</sup>.

Independentemente se traduzimos a palavra hebraica *huḥal* com “começar” ou “começar de novo”<sup>24</sup>, encontramos neste versículo a afirma-

<sup>15</sup> Gn 1,26-28.

<sup>16</sup> H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 1. Teil, 56: A palavra hebraica מְדַבֵּר “exprime uma relação, que se pode desenvolver somente entre personalidades”.

<sup>17</sup> Gn 1,22.

<sup>18</sup> H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 1. Teil, 59.

<sup>19</sup> Gn 1,28.

<sup>20</sup> Gn 4,26.

<sup>21</sup> H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 1. Teil, 139.

<sup>22</sup> J. SCHARBERT, *Genesis I-II*, Die neue Echter Bibel, 74. Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 4-II*, 460-462.

<sup>23</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2569.

ção de um esforço da parte dos homens por entrar e permanecer em comunhão com Deus. A possibilidade de invocar o nome de Deus é um sinal da presença de Deus. Se Deus não estivesse presente, não teria nenhum sentido invocar o Seu nome.

Quem continua viver nesta comunhão com Deus são Henoc<sup>25</sup> e Noé<sup>26</sup>. Estes dois são os únicos dos quais a Bíblia diz que “andavam com Deus”. Abraão andava na presença de Deus<sup>27</sup>. Israel andava no caminho de Deus quando viviam de acordo com a lei divina<sup>28</sup>. Somente Henoc e Noé “andavam com Deus”. Por isso, eles eram particularmente queridos por Deus<sup>29</sup>. Eles viviam numa profunda intimidade com Deus de modo que conheciam até os planos e os mistérios de Deus<sup>30</sup>.

Noé achou graça diante de Deus<sup>31</sup>. Depois do dilúvio e depois do sacrifício de Noé<sup>32</sup>, Deus renovou a Sua aliança com a humanidade abençoando Noé e toda a sua descendência: “Sede fecundos e multiplicai-vos”<sup>33</sup>. Deus quer continuar com a humanidade.

## **2. De Abraão até José**

Algo de novo começa com Abraão. Depois da expulsão do paraíso, Deus somente tinha falado aos patriarcas. A partir de Abraão Deus aparece. Os patriarcas encontram Deus num determinado lugar onde constróem um altar e oferecem sacrifícios. Os lugares mais importantes destas aparições divinas são Siquém, Betel e Berseba<sup>34</sup>.

A primeira aparição acontece em Siquém. Depois de ter deixado Harã<sup>35</sup> Abraão chegou a Canaã e atravessou a terra até Siquém. “Apareceu o

<sup>24</sup> Cf. H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 1. Teil, 138.

<sup>25</sup> *Gn* 5,22.

<sup>26</sup> *Gn* 6,9.

<sup>27</sup> *Gn* 17,1.

<sup>28</sup> *Dt* 13,5.

<sup>29</sup> Cf. *Sr* 44,16-18; 49,14.

<sup>30</sup> Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 4-11*, 485. H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 1. Teil, 143 e 145. J. SCHARBERT, *Genesis 1-11*, 77.

<sup>31</sup> Cf. *Gn* 6,8.

<sup>32</sup> Cf. *Gn* 8,20-21.

<sup>33</sup> Cf. *Gn* 9,1-17.

<sup>34</sup> Cf. M.-J. Yves CONGAR, *Das Mysterium des Tempels*, 13.

Senhor a Abraão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra. Ali edificou Abraão um altar ao Senhor, que lhe aparecera<sup>36</sup>. Pouco depois ele edificará também um altar em Betel<sup>37</sup> e em Hebron<sup>38</sup>.

Estes lugares ainda não são a morada de Deus. Deus ainda não habita aqui na terra. Ele aparece aqui na terra, mas a Sua habitação é o céu<sup>39</sup>. Melquisedeque invoca o Deus Altíssimo “que possui os céus e a terra”<sup>40</sup>. Na terra somente aparece.

Deus continua o Seu contato com Abraão falando com ele e renovando a Sua aliança<sup>41</sup> ou aparecendo em figura humana<sup>42</sup>. Deus até fala com Abimeleque<sup>43</sup> para salvar Sara, de novo se dirige a Abraão para resolver o problema de Agar e Ismael<sup>44</sup>, e, enfim, fala com Abraão para pô-lo à prova pedindo o sacrifício do seu filho Isaac<sup>45</sup>.

De Isaac se fala muito pouco. Mas também vemos como Deus estava com ele. Em primeiro lugar, Deus o abençoou<sup>46</sup>. Também Isaac viveu em familiaridade com Deus; mostra-o o fato que Deus ouviu as suas orações e lhe responde:

Isaac orou ao Senhor por sua mulher, porque ela era estéril; e o Senhor lhe ouviu as orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu. Os filhos lutavam no ventre dela; então, disse: Se é assim, por que vivo eu? E consultou ao Senhor. Respondeu-lhe o Senhor: Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço<sup>47</sup>.

---

<sup>35</sup> Gn 12,1.

<sup>36</sup> Gn 12,7.

<sup>37</sup> Gn 12,8; cf. 13,4.

<sup>38</sup> Gn 13,18.

<sup>39</sup> Cf. M.-J. Yves CONGAR, *Das Mysterium des Tempels*, 14: “Na etapa em que estamos, ainda não existe uma morada de Deus na terra, nem temos um anúncio dela. Deus ainda não mora na terra. Ele, o Altíssimo, quem Melquisedeque invoca (14,18-20), mora no céu; na terra Ele somente se mostra, Ele aparece.”

<sup>40</sup> Gn 14,19.

<sup>41</sup> Gn 15,1-21; 17,1-27.

<sup>42</sup> Gn 18,1-33.

<sup>43</sup> Gn 20,6.

<sup>44</sup> Gn 21,12.

<sup>45</sup> Gn 22,1-19.

<sup>46</sup> Gn 25,11.

Encontramos aqui até um certo progresso na intimidade entre Deus e Isaac. Enquanto Deus tinha prometido a Abraão: “Estabelecerei a Minha aliança entre Mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência”<sup>48</sup>, a Isaac Deus promete:

Não desças ao Egito. Fica na terra que Eu te disser; habita nela, e serei contigo e te abençoarei; porque a ti e a tua descendência darei todas estas terras e confirmarei o juramento que fiz a Abraão, teu pai<sup>49</sup>.

Estarei contigo<sup>50</sup> exprime um acompanhamento pessoal que indica todo o compromisso que Deus assumiu com a aliança. Ele pessoalmente acompanhará Isaac para garantir o cumprimento da aliança.

Pouco depois Deus aparece de novo e promete: “Não temas, porque Eu sou contigo”<sup>51</sup>. Deus continua estar com Isaac; ele, por sua vez, responde construindo um altar e invocando o nome de Deus<sup>52</sup>.

A história continua de maneira semelhante com Jacó. Na sua fuga para Harã ele tem a sua primeira visão de Deus num lugar que se chamava “Luz” e que Jacó, depois desta visão, chama “Betel”. Nesta visão ele vê uma escada e os Anjos de Deus subir e descer por ela<sup>53</sup>. E de novo Deus lhe assegura: “Eis que Eu estou contigo”<sup>54</sup>. Deus promete a Sua presença. Ele estará com Jacó. Os efeitos desta presença serão uma particular proteção e companhia<sup>55</sup>: “Estou contigo, para te guardar onde quer que fores, e te reconduzirei a esta terra, e não te abandonarei sem ter cumprido o que te prometi”<sup>56</sup>. Esta relação próxima e contínua entre Deus e os homens<sup>57</sup>, que é prometida e anunciada nesta visão se tornará realidade

<sup>47</sup> Gn 25,21-23.

<sup>48</sup> Gn 17,7.

<sup>49</sup> Gn 26,2-3.

<sup>50</sup> Gn 26,3.

<sup>51</sup> Gn 26,24.

<sup>52</sup> Cf. Gn 26,25.

<sup>53</sup> Cf. Gn 28,12-17.

<sup>54</sup> Gn 28,15.

<sup>55</sup> Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 12-36*, 555. H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 2. Teil, 301.

<sup>56</sup> Gn 28,15.

<sup>57</sup> Cf. M.-J. Yves CONGAR, *Das Mysterium des Tempels*, 15.

em Jesus<sup>58</sup>. Ao despertar do sono Jacó está seguro da presença de Deus neste lugar: “Na verdade, o Senhor está neste lugar”<sup>59</sup>. “E, temendo, disse: Quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos céus”<sup>60</sup>.

Depois de ter servido a Labão por muitos anos, Jacó recebe uma nova promessa da presença de Deus<sup>61</sup> na sua vida. Por causa desta promessa ele decide a sua fuga e diz às suas esposas: “o Deus de meu pai tem estado comigo”<sup>62</sup>. Jacó tem uma consciência clara da presença de Deus na sua vida. Como Deus tem estado com ele, Ele continuará estar com ele. Na sua defesa contra Labão ele mostra claramente que somente o Deus dos seus pais é o seu refúgio e proteção: “Se não fora o Deus de meu pai, o Deus de Abraão e o Temor de Isaac, por certo me despediras agora de mãos vazias. Deus me atendeu ao sofrimento e ao trabalho das minhas mãos e te repreendeu ontem à noite”<sup>63</sup>. Depois do contrato com Labão Jacó continua a sua viagem e lhe aparecem de novo Anjos de Deus<sup>64</sup>. Conforme a reação de Jacó: “este é o acampamento de Deus”<sup>65</sup> devemos concluir que eram muitos Anjos. E Jacó fica encorajado com esta aparição. Ele tem a certeza que Deus é poderoso e está com ele<sup>66</sup>. E ele sabe que em Betel encontrará Deus de novo: “Eu sou o Deus de Betel, onde ungiste uma coluna, onde me fizeste um voto; levanta-te agora, sai desta terra e volta para a terra de tua parentela”<sup>67</sup>.

Mas antes de chegar a Betel e antes de encontrar-se com Esaú, Jacó tem uma luta misteriosa com Deus:

E lutava com ele um homem, até ao romper do dia. Vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem. Disse este: Deixa-me ir, pois já rompeu o dia.

---

<sup>58</sup> Jo 1,51: “Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”.

<sup>59</sup> Gn 28,16.

<sup>60</sup> Gn 28,17.

<sup>61</sup> Gn 31,3: “E disse o Senhor a Jacó: Torna à terra de teus pais e à tua parentela; e Eu serei contigo”.

<sup>62</sup> Gn 31,5.

<sup>63</sup> Gn 31,42.

<sup>64</sup> Gn 32,1-2.

<sup>65</sup> Gn 32,2.

<sup>66</sup> Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 12-36, BKATI/2*, 616.

<sup>67</sup> Gn 31,13.



Respondeu Jacó: Não te deixarei ir se me não abençoares. Perguntou-lhe, pois: Como te chamas? Ele respondeu: Jacó. Então, disse: Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste. Tornou Jacó: Dize, rogo-te, como te chamas? Respondeu ele: Por que perguntas pelo meu nome? E o abençoou ali. Àquele lugar chamou Jacó Penuel, pois disse: Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva<sup>68</sup>.

A última frase confirma que Jacó estava consciente que era uma aparição de Deus. Westermann não está de acordo com esta opinião e defende a tese de que se trata de um demônio<sup>69</sup>. Contra esta interpretação temos, além da própria afirmação de Jacó, o profeta Oséias que confirma que Jacó lutou com o Anjo do Senhor: "... no vigor da sua idade, lutou com Deus; lutou com o Anjo e prevaleceu"<sup>70</sup>. "Jacó lutou com um mensageiro enviado por Deus. Isto não significa outra coisa senão que ele lutou com o próprio Deus Todo-Poderoso"<sup>71</sup>. Também a mudança de nome não teria sentido se se tratasse de um demônio, menos ainda a bênção com que termina a luta<sup>72</sup>. Por isso, devemos concluir que se trata realmente de uma aparição de Deus.

Também o Catecismo da Igreja Católica concorda com a nossa interpretação. Ele vê nesta luta uma imagem da oração como combate da fé:

Deus renova sua promessa a Jacó, pai das doze tribos de Israel. Antes de enfrentar seu irmão Esaú, ele luta uma noite inteira com "alguém" misterioso que se recusa a revelar-lhe o nome, mas o abençoa antes de o deixar ao despontar da aurora. A tradição espiritual da Igreja reteve dessa história o símbolo da oração como combate da fé e vitória da perseverança<sup>73</sup>.

Depois do encontro com Esaú e do crime em Siquém, o próprio Deus convida Jacó a voltar a Betel e morar lá. Deus aparece de novo prometendo a Sua assistência e ajuda. Novo é que Deus manda construir um altar. Até este momento era sempre iniciativa própria do patriarca<sup>74</sup>. Agora o próprio Deus manda: "faze ali um altar ao Deus que te apareceu quan-

---

<sup>68</sup> Gn 32,24-30.

<sup>69</sup> Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 12-36*, 629-635.

<sup>70</sup> Os 12,3-4; cf. Gn 16,7-13; 21,17-19; 22,11-16.

<sup>71</sup> H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 2. Teil, 353.

<sup>72</sup> Cf. H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 2. Teil, 356.

<sup>73</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2573.

<sup>74</sup> Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 12-36*, 669.

do fugias da presença de Esaú, teu irmão”<sup>75</sup>. Deste modo, Deus exorta Jacó a cumprir o seu voto<sup>76</sup>.

Na segunda aparição depois da volta de Padã-Arã, Deus confirma a mudança de nome de Jacó para Israel. O que Deus tinha falado escondidamente somente a Jacó Ele repete agora diante de todos<sup>77</sup>. “Então, Jacó erigiu uma coluna de pedra no lugar onde Deus falara com ele; e derramou sobre ela uma libação e lhe deitou óleo. Ao lugar onde Deus lhe falara, Jacó lhe chamou Betel”<sup>78</sup>. Esta libação lembra o sacrifício de Melquisedeque<sup>79</sup>.

A situação muda um pouco com José. Ele não recebe mais aparições de Deus, mas continuamente fica confirmado que Deus estava com ele e tudo que ele fazia prosperava em suas mãos<sup>80</sup>. Até toda a casa de Potifar é abençoada por causa de José<sup>81</sup>. Também na prisão Deus está com José, de modo que ele encontra o mercê perante o carcereiro<sup>82</sup>. José está consciente de que a arte de interpretar os sonhos vem de Deus<sup>83</sup>. Também o Faraó reconhece que o espírito de Deus está em José, de modo que ele podia conhecer os sonhos<sup>84</sup>. Quando se dá a conhecer aos seus irmãos ele reconhece que Deus estava presente na sua vida e que tudo aconteceu segundo a providência divina, foi o próprio Deus que o trouxe ao Egito<sup>85</sup>.

Quando Jacó partiu para o Egito, Deus lhe aparece revelando-se de novo como “o Deus de teu pai”<sup>86</sup>, que descerá com ele para o Egito<sup>87</sup>. E com esta perspectiva termina a história dos patriarcas. Jacó morre com a

<sup>75</sup> Gn 35,1.

<sup>76</sup> Cf. Gn 28,22.

<sup>77</sup> Cf. H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 2. Teil, 379.

<sup>78</sup> Gn 35,14-15.

<sup>79</sup> Gn 14,18; cf. Ex 29,40; 30,9.

<sup>80</sup> Cf. Gn 39,2.

<sup>81</sup> Cf. Gn 39,5.

<sup>82</sup> Cf. Gn 39,21.

<sup>83</sup> Cf. Gn 41,16.

<sup>84</sup> Cf. Gn 41,38-39.

<sup>85</sup> Cf. Gn 45,8-9.

<sup>86</sup> Gn 46,3.

<sup>87</sup> Cf. Gn 46,4.

certeza de que Deus estará com o Seu povo<sup>88</sup>. José tem a mesma convicção, e o sinal desta presença de Deus com o Seu povo é o fato que Deus “certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou dar a Abraão, a Isaac e a Jacó”<sup>89</sup>.

### 3. Moisés

A situação muda radicalmente no tempo de Moisés. Embora no início tudo pareça continuar da mesma forma, notaremos uma grande novidade.

Por enquanto, Deus continuava a preocupar-se com o Seu povo. Ele recompensava às parteiras o Seu cuidado com o povo<sup>90</sup>. E quando a opressão se torna muito forte, Deus ouviu “o seu gemido, lembrou-se da Sua aliança com Abraão, com Isaac e com Jacó. E viu Deus os filhos de Israel e atentou para a sua condição”<sup>91</sup>.

Também a aparição de Deus na sarça ardente parece, à primeira vista, igual a tantas outras aparições aos patriarcas. O Anjo de Deus aparece e fala com Moisés:

Vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu. Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até Mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo”<sup>92</sup>.

Também a revelação do nome divino manifesta a preocupação de Deus com o Seu povo: Ele, que cuidava de Abraão, Isaac e Jacó, também se preocupa com o Seu povo. Ele viu todo o mal que eles têm sofrido no Egito e, por isso, quer livrá-los da escravidão, porque se preocupa com o Seu povo<sup>93</sup>.

A novidade desta aparição compreendemos a partir das palavras de Moisés, quando ele abençoou o seu povo, já bem no final da sua vida. A José ele deseja todos os bens da terra e a “benevolência d’Aquele que

<sup>88</sup> Cf. *Gn* 48,21.

<sup>89</sup> *Gn* 50,24.

<sup>90</sup> *Ex* 1,20: “E Deus fez bem às parteiras; e o povo aumentou e se tornou muito forte”.

<sup>91</sup> *Ex* 2,24-25.

<sup>92</sup> *Ex* 3,7-9.

<sup>93</sup> Cf. *Ex* 3,13-15.

habita na sarça”<sup>94</sup>. Portanto, Deus não somente apareceu na sarça, mas Ele mesmo habita na sarça. Esta é a grande novidade que podemos observar a partir do êxodo do Egito: Deus não somente aparece e desaparece, como Ele fez com os patriarcas, mas Ele *mora agora no meio do Seu povo*. O verbo *škn*, que significa “habitar, morar constantemente”, se refere agora também à presença de Deus aqui na terra<sup>95</sup>.

Certamente a interpretação de *Dt 33,16* causa aos exegetas muitas dificuldades e não está claro como devemos compreender este texto, porque aparentemente Deus apareceu na sarça e não morava nela. Mas ao mesmo tempo fica bem claro que também em *Dt 33,16* o verbo *škn* significa “habitar, morar constantemente”<sup>96</sup>. Seja como for o sentido deste texto, em todo caso a experiência da presença de Deus deve ter sido muito forte para Moisés, de modo que ele não somente pensou numa aparição mas numa presença contínua de Deus neste lugar<sup>97</sup>.

Moisés experimentou a presença salvífica de Deus constantemente: “Eu serei contigo”<sup>98</sup> e “a Minha face irá contigo”<sup>99</sup>. Por isso, Moisés canta depois da passagem pelo mar Vermelho:

Com a Tua beneficência guiaste o povo que salvaste; com a Tua força o levaste à habitação da Tua santidade. [...] Tu o introduzirás e o plantarás no monte da Tua herança, no lugar que aparelhaste, ó Senhor, para a Tua habitação, no santuário, ó Senhor, que as Tuas mãos estabeleceram. O Senhor reinará por todo o sempre<sup>100</sup>.

A respeito deste texto Yves Congar escreve:

Este é o anúncio de uma morada fixa de Deus no meio do Seu povo. A expressão *lugar para a tua habitação* encontra-se no Antigo Testamento somente neste lugar e na oração de Salomão por ocasião da dedicação do templo.<sup>101</sup>

---

<sup>94</sup> *Dt 33,16*.

<sup>95</sup> Cf. A. R. HULST em: E. JENNI, *THAT II*, 906-907: “Se trata de uma morar verdadeiramente, de um estar permanente e não um estar passageiro”.

<sup>96</sup> Cf. A. R. HULST em: E. JENNI, *THAT II*, 907.

<sup>97</sup> Cf. D. SCHNEIDER, *Das fünfte Buch Mose*, 300.

<sup>98</sup> *Ex 3,12*.

<sup>99</sup> *Ex 33,14*.

<sup>100</sup> *Ex 15,13.17-18*.

<sup>101</sup> M.-J. YVES CONGAR, *Das Mysterium des Tempels*, 18.

Esta é a novidade que começa com Moisés: Deus começa a habitar no meio do Seu povo. Podemos dizer que a presença de Deus se intensifica. Não se trata mais somente de uma presença viva e eficaz, mas passageira, de Deus que ajuda e protege o Seu povo. É agora uma presença *estável* pela qual Deus está *sempre* presente. Mas uma tal presença necessita também de um lugar especial onde se pode realizar.

Durante o êxodo até a chegada ao monte Sinai, a Sagrada Escritura nos fala das várias maneiras de Deus acompanhar o Seu povo. Ela nos apresenta sinais que indicavam a presença de Deus. Ainda não se trata de uma morada contínua.

O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Nunca se apartou do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite<sup>102</sup>.

A glória de Deus apareceu na nuvem<sup>103</sup>. Mas depois da ratificação da aliança, quando Moisés, Aarão, Nadab e Abihu e os setenta anciãos, subiram ao monte<sup>104</sup>, “a glória do Senhor habitava sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; ao sétimo dia, do meio da nuvem chamou o Senhor a Moisés. O aspecto da glória do Senhor era como um fogo consumidor no cimo do monte, aos olhos dos filhos de Israel”<sup>105</sup>. A nuvem revela e esconde ao mesmo tempo a presença de Deus<sup>106</sup>.

#### **4. A tenda da reunião**

Mas Deus não quer morar no monte, Ele quer morar no meio do Seu povo. Daí, finalmente, Ele revela o Seu plano e pede a Moisés que faça um santuário, para que Ele “possa habitar no meio deles”<sup>107</sup>. Assim se poderá realizar o grande desejo de Deus: “E habitarei no meio dos filhos de Israel e serei o seu Deus. E saberão que Eu sou o Senhor, seu Deus, que os tirou da terra do Egito, para habitar no meio deles; Eu sou o Senhor, seu Deus”<sup>108</sup>.

<sup>102</sup> Ex 13,21-22; cf. Ex 14,19-20.

<sup>103</sup> Cf. Ex 16,10.

<sup>104</sup> Cf. Ex 24,9-11.

<sup>105</sup> Ex 24,16-17.

<sup>106</sup> Cf. H. BRÄUMER, *Das zweite Buch Mose*, 2. Teil, 234.

<sup>107</sup> Ex 25,8.

<sup>108</sup> Ex 29,45-46.

Deus dá indicações bem claras como Moisés deve construir o santuário: “Segundo tudo o que Eu te mostrar para modelo do tabernáculo e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis”<sup>109</sup>. Aqui aparece, pela primeira vez, a palavra *miškān* que significa “habitação, morada, santuário, tabernáculo”<sup>110</sup>. Deus quer morar no meio do Seu povo. A morada ainda não pode ser fixa porque o povo está ainda caminhando no deserto, mas Deus quer estar com eles por onde eles forem.

Esta tenda é chamada também “a Tenda da Reunião, ou do Encontro, ou da Assembléia. Ela é de fato o lugar onde Deus conversava com Moisés ‘face a face’, *Ex* 33,11, Ihe falava ‘boca a boca’, *Nm* 12,8”<sup>111</sup>. “A Tenda abriga a arca que contém o Testemunho, a Tenda é a morada de Jahvé que se manifesta acima da arca, *Ex* 25-26; 36-40”<sup>112</sup>.

## 5. A arca da aliança

Deus também ordena a fabricação da arca da aliança<sup>113</sup>. A arca era o sinal visível da presença pessoal de Deus, testemunha de Sua aliança e o lugar onde Ele recebia as expiações e onde eram feitas as comunicações divinas. Deus estava presente porque havia eleito Israel como Seu povo e Ihe havia dado os mandamentos guardados na arca<sup>114</sup>. Além das tábuas da aliança a arca continha uma urna contendo o maná e o bordão de Aarão, que floresceu<sup>115</sup>.

A arca era coberta pelo propiciatório de ouro puro com dois querubins que cobriam a arca com as suas asas<sup>116</sup>. E Deus disse a Moisés: “Ali, virei a ti e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que Eu te

---

<sup>109</sup> *Ex* 25,9.

<sup>110</sup> Cf. A. R. HULST em: E. JENNI, *THAT II*, 908: “Com o nome *miškān* se pressupõe durante o tempo do deserto um santuário, onde Deus mora, no sentido da tradição posterior do templo de Jerusalém”. Cf. também: L. KOEHLER und W. BAUMGARTNER, *Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum Alten Testament*, 611.

<sup>111</sup> R. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 332-333.

<sup>112</sup> *Ibid.* 340.

<sup>113</sup> *Ex* 25,10.

<sup>114</sup> Cf. J.L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, 70; L. MONLOUBOU e F.M. DU BUIT, *Dicionário bíblico universal*, 59-60.

<sup>115</sup> Cf. *Hb* 9,4.

<sup>116</sup> Cf. *Ex* 25,17-21.

ordenar para os filhos de Israel”<sup>117</sup>. Não é por acaso que Deus quer falar de cima do propiciatório, porque a presença de Deus exige sempre a nossa purificação e, portanto, a misericórdia divina, que perdoa os nossos pecados. Deus está presente como Deus da graça e Deus do perdão<sup>118</sup>. Tudo o que Ele fala com Moisés é pura misericórdia e condescendência.

## 6. Os pães da proposição

Depois de ter mandado fabricar a arca da aliança com o propiciatório, Deus continua a organizar o Seu santuário. Ele quer ainda uma mesa de ouro<sup>119</sup> no santuário sobre a qual se porá os doze pães da proposição: “Porás sobre a mesa os pães da proposição diante de Mim perpetuamente”<sup>120</sup>.

Tinham de ser renovados cada sábado<sup>121</sup>:

E os porás em duas fileiras, seis em cada fileira, sobre a mesa de ouro puro, perante o Senhor. Sobre cada fileira porás incenso puro, que será, para o pão, como porção memorial; é oferta queimada ao Senhor. Em cada sábado, Aarão os porá em ordem perante o Senhor, continuamente, da parte dos filhos de Israel, por aliança perpétua. E serão de Aarão e de seus filhos, os quais os comerão no lugar santo, porque são coisa santíssima para eles, das ofertas queimadas ao Senhor, como estatuto perpétuo<sup>122</sup>.

Os pães da proposição têm vários nomes<sup>123</sup>. Chamam-se pães da face<sup>124</sup>, pão contínuo<sup>125</sup>, pães da pilha<sup>126</sup> e pão santo<sup>127</sup>.

O significado dos pães da proposição se explica pelo seu lugar dentro do santuário. De fato, entre as ações litúrgicas que se realizam no templo

<sup>117</sup> Ex 25,22.

<sup>118</sup> Cf. H. BRÄUMER, *Das zweite Buch Mose*, 2. Teil, 244.

<sup>119</sup> Cf. Nm 4,7.

<sup>120</sup> Ex 25,30.

<sup>121</sup> ICr 9,32; 23,29.

<sup>122</sup> Lv 24,5-9.

<sup>123</sup> Cf. H. L. STRACK – P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch* III, 719.

<sup>124</sup> Ex 25,30; 35,13; 39,36.

<sup>125</sup> Nm 4,7.

<sup>126</sup> ICr 9,32.

<sup>127</sup> ISm 21,5.

há somente uma que é ainda mais importante: no dia da expiação, o sumo sacerdote entra no santo dos santos. A maioria das práticas litúrgicas – como p.ex. os sacrifícios dos animais e de incenso – acontecem em lugares menos importantes do templo, como no pátio dos sacerdotes e no altar dos sacrifícios. Quanto mais perto de Deus está um lugar, tanto mais santo é. Ora, é somente por uma cortina que o santuário (onde se encontram os pães da proposição) é separado do santo dos santos (onde mora Deus). Ele está, por conseguinte, mais próximo de Deus e, portanto, é mais santo do que o pátio dos sacerdotes. Esta diferença se exprime também pelo material dos móveis destes lugares. Todos os móveis do santuário são feitos de ouro, enquanto os móveis do pátio dos sacerdotes são de bronze. Os ritos no santuário são realizados pelo sumo sacerdote, os sacrifícios, via de regra, pelos sacerdotes.

A maior diferença encontramos na finalidade dos ritos nos lugares diferentes. Os ritos no santuário se destinam a conservar a relação contínua entre Deus e o Seu povo. O livro do Levítico afirma que os pães da proposição simbolizam a aliança: “Em cada sábado, Aarão os porá em ordem perante o Senhor, continuamente, da parte dos filhos de Israel, por aliança perpétua”<sup>128</sup>. Os sacrifícios oferecidos no altar se referem à relação entre pessoas individuais e Deus. Podemos concluir que os lugares diferentes dentro do templo nos revelam a importância dos pães da proposição dentro da religião dos judeus<sup>129</sup>.

Alguns pensam que o simbolismo original das pães da proposição era um alimento oferecido à divindade<sup>130</sup>. Eles, no entanto, esquecem o fato de que os pães da proposição não são invenção dos israelitas, mas foram colocados por ordem divina. E Deus certamente não quis dizer com isto que Ele tivesse fome. Antes, eles representam as doze tribos de Israel que se apresentam diante de Deus para cumprir a sagrada aliança<sup>131</sup>. “Eram um penhor da aliança das doze tribos com Iavé”<sup>132</sup>.

Importante para o nosso contexto é o fato que esses pães se chamam *pães da face*. Eles estão, portanto, diante da face de Deus, (i.é, na pre-

---

<sup>128</sup> Lv 24,8.

<sup>129</sup> Cf. P.V.M. FLESHER, *Bread of the Presence*, em: *Anchor Bible Dictionary* I, 780-781.

<sup>130</sup> Cf. J.L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, 740. H. HAAG, *Biblexikon*, 1535.

<sup>131</sup> Cf. H. BRÄUMER, *Das erste Buch Mose*, 2. Teil, 247.

<sup>132</sup> R. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 460.



sença de Deus). Ele olha para o Seu povo. Isto é muito importante, porque a face de Deus significa a Sua presença. Compreendemo-lo melhor a partir do capítulo 33 do livro do Êxodo. Deus promete a Moisés mandar um Anjo para acompanhar o povo. Ele mesmo não ia com o Seu povo por causa do coração duro deste povo<sup>133</sup>. O povo se pôs a chorar e Moisés insistiu que o próprio Deus acompanhasse o povo<sup>134</sup>. Enfim, Deus prometeu a Moisés: “O meu rosto irá contigo e Eu te darei descanso”<sup>135</sup>. E Moisés reconheceu: “Pois como se há de saber que achamos graça aos Teu olhos, eu e o Teu povo? Não é, porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, eu e o Teu povo, de todos os povos da terra?”<sup>136</sup>. O rosto de Deus significa, portanto, a Sua presença pessoal<sup>137</sup>.

Os pães da proposição se chamam *pães da face*, porque Deus está presente no Seu santuário olhando para o Seu povo representado nestes pães. O Seu povo seja uma oferta agradável sempre presente diante dele. Deus quer achar o agrado no Seu povo como Ele encontra o Seu agrado no Seu servo: “Eis aqui o Meu servo, a quem sustenho; o Meu escolhido, em quem a Minha alma se compraz”<sup>138</sup>. Esta profecia se cumpre perfeitamente em Jesus, quando o Pai confirma o Seu agrado no momento do Batismo de Jesus<sup>139</sup> e na Sua Transfiguração<sup>140</sup>. O verbo *ršh* usado em *Is* 42,1, exprime o agrado divino numa pessoa ou também em objetos, coisas, principalmente nos sacrifícios<sup>141</sup>. “O efeito de um sacrifício oferecido depende do fato de ele agradar a Deus ou não”<sup>142</sup>. Deus olhou para o sacrifício de Abel<sup>143</sup>, Ele olhou também para o rosto do Seu

---

<sup>133</sup> Cf. *Ex* 33,2-3.

<sup>134</sup> Cf. *Ex* 33,4-13.

<sup>135</sup> *Ex* 33,14.

<sup>136</sup> *Ex* 33,16.

<sup>137</sup> Cf. A. S. VAN DER WOUDE, em: E. JENNI, *THAT* II, 446-447: “Segundo o v. 16 fica bem claro, que *pânîm* não pode significar um representante de Javé, mas somente a presença pessoal de Deus ...”

<sup>138</sup> *Is* 42,1.

<sup>139</sup> Cf. *Mt* 3,13-17; *Mc* 1,9-11; *Lc* 3,21-22.

<sup>140</sup> Cf. *Mt* 17,1-8.

<sup>141</sup> Cf. C. VAN LEEUWEN em: E. JENNI, *THAT* II, 812.

<sup>142</sup> *Ibid.* 812.

<sup>143</sup> *Gn* 4,4.

ungido<sup>144</sup>, como Ele olhou igualmente para a Sua humilde serva<sup>145</sup>. Também na Santa Missa pedimos que Deus olhe benignamente para o nosso sacrifício<sup>146</sup>. Os sacrifícios no tempo do profeta Malaquias não agradaram a Deus: “não desejo as ofertas da vossa mão”<sup>147</sup>. Ele espera por um novo sacrifício puro, oferecido desde o nascente do sol até ao poente que seja digno do Seu nome<sup>148</sup>.

Os pães da proposição representam, portanto, o povo de Israel, que deve viver sempre diante da face de Deus. A presença contínua destes pães significa, deste modo, também a presença contínua de Deus no Seu santuário.

Podemos então concluir este ponto da nossa reflexão. Temos visto como a presença de Deus se intensificou ao longo do tempo. No início tínhamos somente uma presença passageira de Deus: Deus apareceu e depois voltou para o céu. A situação mudou a partir de Moisés. Deus agora não somente aparece passageiramente, mas Ele quer *morar* no meio do Seu povo. Por isso, Ele manda a construção do Seu santuário, no qual Ele quer *morar*. A arca da aliança é o lugar de onde Ele se revela a Moisés. Os pães da proposição representam o povo que deve sempre estar na presença de Deus cumprindo perfeitamente a Sua aliança, de modo que Deus possa olhar cheio de agrado para o Seu povo.

Esta presença de Deus tinha também as suas conseqüências: “Tanto homem como mulher os lançareis; para fora do arraial os lançareis, para que não contaminem o arraial, no meio do qual Eu habito”<sup>149</sup>. E Deus quer realmente habitar no meio do Seu povo: “Não contaminareis, pois, a terra na qual vós habitais, no meio da qual Eu habito; pois Eu, o Senhor, habito no meio dos filhos de Israel”<sup>150</sup>.

Os israelitas obedeciam perfeitamente às indicações da presença de Deus:

---

<sup>144</sup> *Sl* 84,10.

<sup>145</sup> *Lc* 1,48.

<sup>146</sup> *Missale Romanum*, Prex eucarística I: “*Supra quae propitio ac sereno vultu respicere digneris: et accepta habere, sicuti accepta habere dignatus es munera pueri tui iusti Abel ...*”.

<sup>147</sup> *Ml* 1,10.

<sup>148</sup> Cf. *Ml* 1,11.

<sup>149</sup> *Nm* 5,3.

<sup>150</sup> *Nm* 35,34.

Segundo o mandado do Senhor, os filhos de Israel partiam e, segundo o mandado do Senhor, se acampavam; por todo o tempo em que a nuvem habitava sobre o tabernáculo, permaneciam acampados. Quando a nuvem se detinha muitos dias sobre o tabernáculo, então, os filhos de Israel cumpriam a ordem do Senhor e não partiam<sup>151</sup>.

## II. O Templo de Jerusalém

### 1. Rumo à construção do Templo

Deus quer um único lugar para a Sua habitação<sup>152</sup>. Mas este ideal do único santuário ainda não existe<sup>153</sup>. É interessante, que “os lugares de culto cuja fundação era atribuída aos patriarcas quase não aparecem nos relatos relativos a Israel instalado em Canaã”<sup>154</sup>. Encontramos vários outros santuários em Israel antes da construção do templo. “O santuário das origens de Israel é Gilgal que Js 4,19 localiza a leste de Jericó, logo, entre Jericó e o Jordão”<sup>155</sup>. Neste lugar temos a parada da arca logo após a passagem do Jordão<sup>156</sup>, a circuncisão do povo<sup>157</sup>, a primeira Páscoa em Canaã e a cessação do maná<sup>158</sup>. Este santuário tem também a sua importância no tempo de Samuel<sup>159</sup> e de Saul<sup>160</sup>. Depois da revolta de Absalão Davi é acolhido pelos homens de Judá em Gilgal<sup>161</sup>.

Outro santuário antigo era Siló. No tempo de Josué era um lugar de reunião das tribos<sup>162</sup>. Lá houve um templo de Jahvé<sup>163</sup>. A arca foi lá

<sup>151</sup> Nm 9,18-19; cf. Nm 9,17.22; 10,12.

<sup>152</sup> Cf. Dt 12,4-5.11.

<sup>153</sup> Cf. M.-J. Yves CONGAR, *Das Mysterium des Tempels*, 28.

<sup>154</sup> R. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 341.

<sup>155</sup> *Ibid.* 341.

<sup>156</sup> Js 4,19; 7,6.

<sup>157</sup> Js 5,2-9.

<sup>158</sup> Js 5,10-12.

<sup>159</sup> ISm 7,16.

<sup>160</sup> ISm 11,15; 13,7-15.

<sup>161</sup> Cf. 2Sm 19,16.41.

<sup>162</sup> Js 18,1; 21,2; 22,9.12.

<sup>163</sup> ISm 1,7.24; 3,15; 3,3; Jz 18,31.

depositada<sup>164</sup>. “A expressão ‘que habita sobre os querubins’ aparece pela primeira vez na história da arca levada de Siló em combate contra os filisteus, *ISm* 4,4”<sup>165</sup>.

Outro santuário encontramos em Mispá de Benjamim<sup>166</sup>. Este lugar aparece na história de Samuel<sup>167</sup> e de Saul<sup>168</sup>. Existiam ainda o santuário de Gibeá<sup>169</sup>, o santário de Ofra<sup>170</sup> e de Dã<sup>171</sup>.

O rei Davi começa a preparar a construção do Templo: “ele fixou o projeto do Templo e fez o inventário de sua mobília, reuniu os materiais para construção e os lingotes de ouro para os objetos sagrados, formou as equipes de trabalhadores, regulou as classes e as funções do clero”<sup>172</sup>. O rei Salomão termina o projeto planejado pelo seu pai<sup>173</sup>.

No dia da consagração do Templo Deus toma posse do Seu santuário:

Tendo os sacerdotes saído do santuário, uma nuvem encheu a Casa do Senhor, de tal sorte que os sacerdotes não puderam permanecer ali, para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor enchera a Casa do Senhor. Então, disse Salomão: O Senhor declarou que habitaria em trevas espessas. Na verdade, edifiquei uma casa para Tua morada, lugar para a Tua eterna habitação. [...] Agora também, ó Deus de Israel, cumpra-se a Tua palavra que disseste a Teu servo Davi, meu pai. Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus não Te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei. Atenta, pois, para a oração de Teu servo e para a sua súplica, ó Senhor, meu Deus, para ouvires o clamor e a oração que faz, hoje, o Teu servo diante de Ti. Para que os Teu olhos estejam abertos noite e dia sobre esta casa, sobre este lugar, do qual disseste: O Meu nome estará ali; para ouvires a oração que o Teu servo fizer neste lugar<sup>174</sup>.

---

<sup>164</sup> *ISm* 3,3.

<sup>165</sup> R. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 342.

<sup>166</sup> *Jz* 20,1.3; 21,1.5.8.

<sup>167</sup> *ISm* 7,16.

<sup>168</sup> *ISm* 10,17-24.

<sup>169</sup> *ISm* 7 e 10.

<sup>170</sup> *Jz* 6,11-24.

<sup>171</sup> *Jz* 17-18.

<sup>172</sup> R. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 350. Cf. *1Cr* 22-28.

<sup>173</sup> Cf. *2Sm* 7,1-3; *IRs* 5,15-32; *2Cr* 21,18-2,17.

<sup>174</sup> *IRs* 8,10-13.26-29; Cf. *2Cr* 5,11-6,2.

## 2. O Templo de Jerusalém

“O Templo de Salomão foi o centro religioso de Israel”<sup>175</sup>. Deus quis um único lugar para a Sua habitação:

Não fareis assim para com o Senhor, vosso Deus, mas buscareis o lugar que o Senhor, vosso Deus, escolher de todas as vossas tribos, para ali pôr o Seu nome e Sua habitação; e para lá ireis. Então, haverá um lugar que escolherá o Senhor, vosso Deus, para ali fazer habitar o Seu nome; a esse lugar fareis chegar tudo o que vos ordeno: os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta das vossas mãos, e toda escolha dos vossos votos feitos ao Senhor<sup>176</sup>.

Este lugar serve para aprender a temer a Deus<sup>177</sup>. Neste lugar deve-se oferecer a Páscoa<sup>178</sup>. E ele servirá também de alegria para todo o povo<sup>179</sup>. Também as primícias de todos os frutos só podiam ser oferecidas ao Senhor neste lugar<sup>180</sup>.

Este lugar escolhido para a habitação de Deus era o templo em Jerusalém: “Porque disse Davi: O Senhor, Deus de Israel, deu paz ao Seu povo e habitará em Jerusalém para sempre”<sup>181</sup>. O mesmo afirma Salomão: “Então, disse Salomão: O Senhor declarou que habitaria em nuvem espessa! Edifiquei uma casa para Tua morada, lugar para a Tua eterna habitação”<sup>182</sup>. Por isso, Deus está no meio do Seu povo e cuidará dos Seus: “E habitarei no meio dos filhos de Israel e não desampararei o meu povo”<sup>183</sup>.

---

<sup>175</sup> R. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 364; cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*, (Documentos da Igreja 8), São Paulo 2001, 133: “Construído por Salomão (em torno do ano 950 a.C.), a construção de pedra que dominava a colina de Sião desempenhou um papel central na religião israelita” e “na obra do Cronista, o Templo é claramente o centro de toda a vida religiosa e nacional” (*ibid.*).

<sup>176</sup> Dt 12,4-5.11.

<sup>177</sup> Dt 14,23.

<sup>178</sup> Dt 16,2.5-6.

<sup>179</sup> Dt 16,11.

<sup>180</sup> Dt 26,2.

<sup>181</sup> 1Cr 23,25.

<sup>182</sup> 2Cr 6,1-2.

<sup>183</sup> IRs 6,13.

Observe-se que em todas estas passagens citadas aparece o verbo *škn* que significa “habitar, morar constantemente”<sup>184</sup>. Muitos estudiosos concordam em dizer que “fazer habitar o Seu nome” significa a presença pessoal de Deus mesmo, ou do Seu representante. A fórmula “para ali fazer habitar o Seu nome” exprime uma “forma de aparição de Jahvé, na qual Ele mesmo, dentro dos limites por Ele mesmo estabelecidos, atua e que podemos chamar de hipóstase”<sup>185</sup>. Mas é importante lembrar-se do fato que os atos litúrgicos aconteceram “diante de Jahvé”<sup>186</sup>, e não diante do “nome de Jahvé”<sup>187</sup>. Devemos concluir, por isso, que *nome de Jahvé* significa a presença pessoal de Deus que se manifesta no âmbito do culto e que se identifica, na linguagem cultural, com Jahvé<sup>188</sup>.

A fé na presença de Deus no Seu Templo é a razão do culto que aí é celebrado e das orações dos fiéis neste lugar<sup>189</sup>. O rei Ezequias subiu ao Templo e rezou: “Ó Senhor, Deus de Israel, que estás entronizado acima dos querubins, Tu somente és o Deus de todos os reinos da terra; Tu fizeste os céus e a terra”<sup>190</sup>. Esta fé na presença de Deus no Seu Templo exprime-se também muitas vezes nos Salmos: “Uma coisa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e meditar no Seu Templo”<sup>191</sup>.

Sabemos do tempo dos profetas que esta presença de Deus no Templo depende da fidelidade do povo. Se o povo não guardar a aliança Deus não permanecerá no Templo:

Mas ide agora ao meu lugar que estava em Siló, onde, no princípio, fiz habitar o meu nome, e vede o que lhe fiz, por causa da maldade do meu povo de Israel. Agora, pois, visto que fazeis todas estas obras, diz o Senhor, e Eu vos falei, começando de madrugada, e não me ouvistes, chamei-vos, e não me respondestes, farei também a esta casa que se chama pelo meu Nome, na qual confiais, e a este lugar, que vos dei a vós outros e a vossos pais,

---

<sup>184</sup> Veja nota de rodapé 95.

<sup>185</sup> Cf. A.S. VAN DER WOUDE, em: E. JENNI, *THAT II*, 953-954.

<sup>186</sup> P. ex. *Dt* 12,7.12.18; 14,23.26; 16,11; 26,10.

<sup>187</sup> Cf. A.S. VAN DER WOUDE, em: E. JENNI, *THAT II*, 954.

<sup>188</sup> Cf. *ibid.* 955.

<sup>189</sup> Cf. R. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 364.

<sup>190</sup> 2 *Rs* 19,15.

<sup>191</sup> *Sl* 27,4; cf. *Sl* 76,3; 84; 122,1-4; 132,13-14; 134.

como fiz a Siló. Lançar-vos-ei da minha presença, como arrojai a todos os vossos irmãos, a toda a posteridade de Efraim<sup>192</sup>.

O profeta Ezequiel vê numa visão como Deus abandona o Templo:

Então, os querubins elevaram as suas asas, e as rodas os acompanhavam; e a glória do Deus de Israel estava no alto, sobre eles. A glória do Senhor subiu do meio da cidade e se pôs sobre o monte que está ao oriente da cidade. Depois, o Espírito de Deus me levantou e me levou na sua visão à Caldéia, para os do cativeiro; e de mim se foi a visão que eu tivera<sup>193</sup>.

Mas depois do castigo Deus voltou para o Seu Templo para habitar nele para sempre: “A glória do Senhor entrou no templo pela porta que olha para o oriente”<sup>194</sup>. E “se os profetas do retorno encorajam a reconstrução, é exatamente porque Deus deve voltar a habitar em Jerusalém”<sup>195</sup>:

Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o Senhor. Naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao Senhor e serão o meu povo; habitarei no meio de ti, e saberás que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou a ti. Então, o Senhor herdará a Judá como Sua porção na terra santa e, de novo, escolherá a Jerusalém. Cale-se toda carne diante do Senhor, porque Ele se levantou da Sua santa morada<sup>196</sup>.

### 3. A glória de Deus e a Shekinah

Esta presença de Deus muitas vezes é chamada a “glória de Deus” ou a “*Shekinah*”. A expressão “glória de Deus” alude à revelação fascinante e terrível de Deus no Santo dos Santos, sobre o propiciatório da arca da aliança. Deus se revela sobre o propiciatório, porque a união mais imediata com Deus é perdão e graça<sup>197</sup>. Deus tomou posse do Templo quando a arca foi nele introduzida e a nuvem encheu o Templo<sup>198</sup>. É a

<sup>192</sup> Jr 7,12-15.

<sup>193</sup> Ez 11,22-24.

<sup>194</sup> Ez 43,4.

<sup>195</sup> R. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 365.

<sup>196</sup> Zc 2,10-13.

<sup>197</sup> Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*, p. 133: “Por sua vez, a teologia sacerdotal (P) designa esta presença com a palavra ‘glória’ (*kabôd*), evocando a manifestação de Deus, ao mesmo tempo fascinante e terrível, em particular no Santo dos Santos, acima da arca do testemunho coberto pelo propiciatório: o contato mais imediato com Deus baseia-se sobre o perdão e a graça”.

nuvem que revela e esconde ao mesmo tempo a glória, i.é., a presença de Deus<sup>199</sup>. Na oração da consagração, Salomão disse que construiu uma morada para Deus, “onde Ele habita para sempre”<sup>200</sup>. Por isso, a glória de Deus enchia o Templo, e quando Deus saiu do Templo, foi a glória que abandonou o Templo<sup>201</sup>.

No entanto, o próprio Salomão está consciente: “Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus não Te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei”<sup>202</sup>. Para resolver esta tensão da presença de Deus no céu e da Sua presença aqui na terra desenvolveu-se no judaísmo a noção de *Shekinah*, que significa “habitação, morada”. Este conceito “quer exprimir, sem nada diminuir de Sua transcendência, a presença graciosa de Deus no meio de Israel”<sup>203</sup>. *Shekinah* substituiu o Nome de Deus. Falava-se de “a habitação” e isto significava Deus que morava no meio do Seu povo<sup>204</sup>. O acento desta palavra está na presença de Deus<sup>205</sup>. Isto mostra, p.ex., a seguinte afirmação dos rabinos: “Antes da eleição do Templo a Jerusalém inteira era apta para a *Shekinah* (i.é. para a habitação da divindade); depois de ter sido escolhido o Templo, Jerusalém foi descartado”<sup>206</sup>.

#### 4. A presença de Deus fora do Templo

A presença de Deus no Templo não excluiu a assistência pessoal, como era no tempo dos Patriarcas. “Pelejarão contra ti, mas não prevalecerão; porque Eu sou contigo, diz o Senhor, para te livrar”<sup>207</sup>, ouve o profeta

<sup>198</sup> *IRs* 8,10.

<sup>199</sup> Cf. nota de rodapé 106.

<sup>200</sup> Cf. *IRs* 8,13.

<sup>201</sup> Cf. *Ez* 11,22-24.

<sup>202</sup> *IRs* 8,27.

<sup>203</sup> R. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, 365. Cf. A. R. HULST em: E. JENNI, *THAT* II, 909: “Deus mora no céu. Como sinal da sua presença e manifestação na terra usa-se geralmente a palavra *šekinâ* (o “morar”). Deste modo se conserva perfeitamente a transcendência de Deus e se manifesta a sua presença terrena. No sentido especial a *šekinâ* se manifesta no santuário e em circunstâncias consideradas mais ou menos sagradas”.

<sup>204</sup> Cf. H. L. STRACK – P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch* II, 314.

<sup>205</sup> Cf. *ibid.* 314.

<sup>206</sup> Cf. *ibid.* 314.



Jeremias. E Deus confirma mais tarde que o profeta não precisa ter medo, apesar de toda a resistência da parte dos inimigos: “porque Eu sou contigo para te salvar, para te livrar deles, diz o Senhor”<sup>208</sup>. Deus continua estar próximo daqueles que Lhe obedecem e O amam.

### III. Conclusão

Podemos, então, concluir este pequeno trabalho. Vimos claramente um progresso nos modos da presença de Deus. De uma presença passageira passou-se a uma presença estável e locável. Deus, que tinha aparecido e desaparecido aos patriarcas, escolheu um lugar fixo para a Sua morada. Primeiro a tenda da reunião e a arca da aliança, depois o Templo como Sua casa estável. Será difícil negar a presença pessoal e contínua de Deus no Templo. O verbo *škn* exprime demasiadamente claro a idéia da presença contínua de Deus no Seu Templo.

Por outro lado é também difícil explicar claramente esta presença de Deus. Trata-se, certamente, de uma presença verdadeira e real. Mas, evidentemente, não chegamos ainda ao tempo messiânico<sup>209</sup>. Deus mora no templo para manifestar a Sua vontade, para ajudar, aconselhar, fortalecer. Ainda não temos a comunicação pessoal de Deus. Por isso, a habitação de Deus no meio do Seu povo ainda não é perfeita<sup>210</sup>.

---

<sup>207</sup> Jr 1,19.

<sup>208</sup> Jr 15,20; cf. 30,11; 46,28.

<sup>209</sup> Cf. M.-J. Yves CONGAR, *Das Mysterium des Tempels*, 26-27: “O tempo dos patriarcas é caracterizado pelas aparições. No tempo de Moisés se realiza um progresso porque Deus vive no meio do seu povo, Ele vai pessoalmente com ele, é sua força e seu guia. A sua presença é quase um “morar no meio deles”. No entanto estamos ainda longe da habitação, que nos trazem as obras e os dons do tempo messiânico. Newmann fala de uma presença de Deus que vem e se retira, como nos milagres e profecias. Isto acontece no tempo dos patriarcas ou no caso de Balaão, até o tempo do Êxodo. A época de Moisés é diferente. Mas Newmann acrescenta que mesmo na teologia da shekinah Deus não está realmente unido ao seu templo. É um tipo de um tempo nestoriano, que significa uma presença sem união ontológica”.

<sup>210</sup> Cf. M.-J. Yves CONGAR, *Das Mysterium des Tempels*, 27: “Queremos dizer que se trata de um morar sem real e perfeita imanência, porque é uma presença de Deus para manifestar a sua vontade, para apoiar e fortalecer, para guiar e exigir; mas não é uma comunicação pessoal e um doar-se. O que importa é o seguinte: Deus não mora perfeitamente no meio do seu povo porque ainda não se doa e comunica perfeitamente.”

Mas, sendo o Antigo Testamento a preparação do Novo, na qual se manifesta a pedagogia divina<sup>211</sup>, podemos afirmar com certeza que esta presença de Deus, que começa na arca da aliança e se consolida no Templo de Jerusalém, encontrará no Novo Testamento a sua plena realização. O próprio Jesus declara que o Seu Corpo é o verdadeiro Templo<sup>212</sup>, do qual o Templo de Jerusalém era, segundo as palavras da carta aos Colossenses, somente uma sombra<sup>213</sup>. O corpo de Jesus é o verdadeiro Templo, porque n'Ele habita toda a plenitude da divindade<sup>214</sup>. Na encarnação do Verbo, Deus construiu uma tenda para si mesmo<sup>215</sup>, onde Ele podia morar sem perder nada de Sua divindade.

O mistério da encarnação encontra o seu prolongamento no mistério da Santíssima Eucaristia, que é o Pão descido do céu que o Pai nos dá<sup>216</sup>, para fazer-nos participar da Sua natureza divina<sup>217</sup>. Deus está presente na Santíssima Eucaristia para estar e ficar presente no meio de nós e distribuir continuamente a abundância da Sua misericórdia divina. O que começou no Antigo Testamento encontra a sua plena realização e consumação na Santíssima Eucaristia. Nela converge toda a história da salvação.

É no tabernáculo que no fundo se concretiza aquilo que outrora representou a Arca da Aliança. Ele é o lugar do “Santo dos Santos”. Ele é a tenda de Deus, o trono que se encontra no meio de nós mediante a sua presença (*Shekina*) – na mais pobre igreja de aldeia não menos do que na maior catedral. Ainda que só haja templo definitivo quando o mundo se tornar a Nova Jerusalém – aquilo para que apontava o templo de Jerusalém tem aqui a sua maior presença. A nova Jerusalém está antecipada na humildade do pão.<sup>218</sup>

Paulus Seanner ORC

---

<sup>211</sup> Cf. DV 15.

<sup>212</sup> Cf. Jo 2,19.

<sup>213</sup> Cf. Cl 2,17.

<sup>214</sup> Cf. Cl 2,9.

<sup>215</sup> Cf. Jo 1,14: ἐσκήνωσεν. O substantivo σκηνή regularmente significa, além de “tenda” no sentido comum, a antiga Tenda da Aliança, cf. Ex 25,4; 27,21 (LXX); no NT cf. At 7,44; Hb 8,5; 9,2-3.6.21; 13,10 etc. e, na perspectiva escatológica, especialmente Ap 21,3.

<sup>216</sup> Cf. Jo 6,32-33.

<sup>217</sup> Cf. 2Pd 1,4.

<sup>218</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao espírito da Liturgia*, 66.